

As feridas do Mundo di Rita Martins (PUBLICO, 24/05/2006)

Descorreu em Santa Maria da Feira, entre 18 e 20 de Maio, a sexta edição de Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua. Durante três dias, o público pôde assistir a espectáculos de várias companhias estrangeiras e teve ainda a possibilidade de participar em workshops sobre Teatro e Desenvolvimento Comunitário, continuando a ser privilegiada a vertente da reinserção social.

A presença do encenador e actor Pippo Delbono justificou-se pelo seu trabalho com portadores de deficiências físicas e mentais, que integram o elenco desde há dez anos. Porém, na tertúlia sobre Teatro e inclusão social nas artes da rua, Delbono afirmou com a sua voz doce e calma: “O teatro está morto. A política está morta. O teatro social está morto”. E explicou, com a irreverência que lhe é própria, que o seu trabalho é puramente artístico e o que apresenta nos espectáculos é “a ferida”. Essa ferida é a sua, a nossa, a do mundo. Descrita pelo encenador como uma “viagem pictórica”, sem linha narrativa, Urlo talvez seja a sua criação mais violenta. Os aspectos mais sombrios do poder, secular e religioso, são revelados em figuras tenebrosas, decadentes e grotescas, imagens de pesadelo: o Papa é um gigante cambaleante; um príncipe anão percorre uma passadeira vermelha; uma mulher elegante, servida por criados, chora histericamente enquanto enche a boca de comida. O espectáculo percorre variantes do grito, que se descobrem no lamento de uma melodia popular, no urro monstruoso, ou nas palavras de uma poesia enraivecida, gritada por Pippo Delbono: “Santo o corpo. Santo...”. Mas também na poesia de Oscar Wilde, dita num murmúrio doce, se ouve a dor, quase consentida. O grito atinge uma dimensão visual num desfile perturbante de imagens pascais, de sucessivos calvários em que o sofrimento e a crueldade atingem a loucura. Domina o negro dos figurinos – dos fatos de cerimónia dos poderosos, dos hábitos das freiras, do luto- e o vermelho do sangue, que escorre do peito de um homem, que se esplaha no rosto da mulher, que tinge as mãos de um jovem. E se depois desse espectáculo brutal calhar ouvirmos um amigo palestiano narrar histórias de dor – o assassinio do irmão e dos amigos, as lágrimas da mãe, a prisão-, então a “ferida” exposta na ficção teatral volta a abrir-se dentro de nós com a violência da realidade. Uma tristeza imensa e revolta nascem diante do sangue espalhado (impunemente, acrescentaria o meu amigo) na terra onde Cristo morreu.